

EVOLUÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DA SÍFILIS GESTACIONAL E SUA RELAÇÃO COM A SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL ENTRE 2020 E 2024

ARAÚJO, Isabely Mailly de Alencar¹; COSTA, Josiane Fontenele¹; ANDRADE, Michelly de Lima Silva¹; SOUZA, Mileny Mendes da Silva¹; TEODORO, Mariana Miziara de Abreu¹

¹Faculdade UNINASSAU de Vilhena;

isabelyalencar5@gmail.com

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível causada pelo *Treponema pallidum*, podendo ser transmitida verticalmente durante a gestação e resultar em sífilis congênita, agravo evitável que permanece como importante problema de saúde pública no Brasil. Apesar da disponibilidade de diagnóstico e tratamento eficaz com penicilina, a manutenção de elevados números sugere fragilidades na assistência pré-natal. **Objetivo:** Analisar a evolução epidemiológica da sífilis gestacional e sua relação com a sífilis congênita no Brasil entre 2020 e 2024. **Métodos:** Estudo ecológico, descritivo e quantitativo, realizado com dados secundários do DATASUS/SINAN. Foram analisados casos confirmados de sífilis gestacional e congênita segundo distribuição regional e razão entre os agravos. Realizou-se análise estatística descritiva. Entre as limitações do estudo, destacam-se subnotificação, inconsistências no preenchimento das fichas e atraso na consolidação dos dados. **Resultados e Discussão:** Entre 2020 e 2024, registraram-se 345.840 casos de sífilis gestacional e 110.675 de sífilis congênita no Brasil. Observou-se aumento progressivo da sífilis gestacional até 2023, passando de 65.409 para 85.435 casos, seguido de redução em 2024 (36.850), dado que deve ser interpretado com cautela devido à possibilidade de subnotificação e atraso na consolidação do SINAN. A sífilis congênita manteve-se elevada durante todo o período, com pico em 2021 (26.158 casos), discreta redução até 2023 (24.825) e queda em 2024 (11.853). A razão entre os agravos foi de aproximadamente 32 casos congênitos para cada 100 casos gestacionais, evidenciando persistência da transmissão vertical mesmo diante do aumento da detecção materna. Apesar do aumento da identificação dos casos maternos, não houve redução proporcional da sífilis congênita, sugerindo falhas no rastreamento precoce, no acompanhamento pré-natal e no tratamento adequado da gestante e do parceiro. Além disso, entre 2020 e 2021, a pandemia de COVID-19 pode ter contribuído para atraso diagnóstico e subnotificação. Vulnerabilidades sociais, desigualdade regional e barreiras no acesso aos serviços de saúde também podem ter influenciado a manutenção dos elevados números da doença no país. **Conclusão:** A persistência da sífilis congênita no Brasil evidencia fragilidades na prevenção da transmissão vertical, reforçando a necessidade de ampliar o rastreamento, qualificar o pré-natal e garantir tratamento adequado das gestantes e parceiros, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Epidemiologia. Transmissão vertical de doenças infecciosas. Gravidez. Cuidado pré-natal.